

NIETZSCHE E A ARTE COMO TERAPIA DA CULTURA. COMO OPOR RESISTÊNCIA, PARA A SUPERAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Adilson Felício Feiler

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: O pensamento de Nietzsche tem na afirmação a sua ênfase, para a qual as forças constituem o seu diferencial. As forças operam no sentido de estabelecer embates entre oposições e resistências, de modo que, quanto maiores forem as oposições impetradas, maiores as resistências empregadas. A única meta a alcançar é a de pontos sempre mais culminantes de potência, passando pelo enfrentamento do ar cortante das alturas, das caminhadas inverniais, do gelo, dos cumes e de toda espécie de sublime maldade. Cada oposição vivida desencadeia uma resposta, que é a de resistência, gerando no organismo um *quantum* maior de força, tende em vista a sua superação. Assim, de superação em superação, se resiste aos limites que se apresentam em forma de mega acontecimentos a compor os diversos ciclos do retorno. Neste intercambiamento, marcado pela oposição e pela resistência, somente espécimes dotados de ímpeto e disposição fisiológica afirmativa serão capazes de superar, realizando a sua experiência de plenitude alegre e jovial. Estes espécimes, redentores da doença, concebem a filosofia como arte de cura, de modo que a vivência na solidão, para além de fuga da existência, consiste em antídoto promotor da grande saúde.

Palavras-chave: Nietzsche, terapia, arte, resistência, superação.

Abstract: The Nietzsche's thought has its emphasis on affirmation, for which forces constitute its differential. The forces operate in the sense of establishing clashes between oppositions and resistances, so that the greater the oppositions filed, the greater the resistances employed. The only goal to be reached is to reach ever more heights of power, going through the confrontation of the sharp air of heights, winter walks, ice, peaks and all kinds of sublime evil. Each experienced opposition triggers a response, which is that of resistance, generating in the organism a greater quantum of force, with a view to overcoming it. Thus, from overcoming to overcoming, the limits that present themselves in the form of mega events that compose the various cycles of return are resisted. In this exchange, marked by opposition and resistance, only specimens endowed with impetus and an affirmative physiological disposition will be able to overcome, realizing their experience of joyful and jovial fullness. These specimens, redeemers of the disease, conceive philosophy as an art of healing, so that living in solitude, in addition to escaping from existence, is an antidote that promotes great health.

Keywords: Nietzsche, therapy, art, resistance, overcoming.

Introdução

Eventos grandes, que marcam a humanidade, constituem etapas do ciclo do retorno, e cada etapa alavanca o jogo da oposição e da resistência, de onde surgem as forças promotoras da redenção. A humanidade hoje vive, pela pandemia, um novo ciclo histórico. De que forma este grande evento poderia servir como mais um antídoto redentor da humanidade, que alavanca a grande saúde? Diante deste gigantesco evento pandêmico, a humanidade sofre um ataque frontal incidindo, com agressividade, contra as suas frágeis seguranças. Qual vento cortante, caminhada invernal e cume íngreme, a pandemia abala a vida em todas as suas dimensões; seja a dimensão biológica, como a dimensão política, econômica, social e espiritual. A vida, compreendida organicamente sofre falência em sua capacidade de respiração, já que todos os poros pelos quais o ar é comunicado passam a sofrer obstrução; com isso, a força é neutralizada, pois não há fruição para a recepção da vitalidade, nem descarga para que a força interna se externalize como criação.

Politicamente, a vida sofre, com a pandemia, um ataque em sua estrutura gerencial. Pois, não se investe em uma cultura global e sim na loucura política nacional, ou seja, um Estado que, ao invés de pensar em si deveria pensar na cultura, uma cultura que favoreça a força. Como consequência, este Estado, ao centrar-se num autoritarismo decadente, que reduz a vida a vida nua, a seu estado puramente biológico, a mera sobrevivência, este grande evento pandêmico ocasiona empobrecimento, já que as forças criadoras são inibidas, e, com isso, sem produção não há riquezas, cuja falta vem a se fazer sentir, de maneira especial, sobre a cultura.

O ataque pandêmico afeta a vida em sua dimensão social, já que a prática do isolamento é sentida como solidão e esta última como fuga da realidade. Mesmo que compulsório, o isolamento social poderia servir como desencadeamento do grande encontro consigo mesmo, pela capacidade de autoafirmação e não como massificação de indivíduos submissos ao poder limitador da liberdade. Esta impossibilidade do esforço de afirmação de si mesmo, pela pandemia, implica, por fim, no esvaziamento espiritual, e consequente negação da formação de espíritos livres, aqueles que seriam capazes de se superarem, enquanto tipos psicológicos afirmativos.

Diante de todos os efeitos que a pandemia traz para a vida, ameaçando-a na sua capacidade de afirmação e criação, somos levados a

investigar nos meandros da fisiologia de Nietzsche para nela encontrar pistas que nos auxiliem a pensar formas concretas de superação. Apresentamos um itinerário que se dá em três momentos. No primeiro capítulo, refletimos sobre o sentido que as forças ocupam no pensamento nietzschiano, forças que são o resultado do jogo entre oposição e resistência, e como, pelo cultivo destas forças, se institua um antídoto capaz de superar a doença para alcançar a saúde. Intitulamos este como: “A fisiologia da força como superação da doença.” Na sequência, adentramos na teoria nietzschiana das forças para mostrar que pela afirmação da luta, o que implica em sofrimento, queda e caos se é capaz de alcançar a saúde. Intitulamos este como: “Da queda à elevação, a genealogia da grande saúde.” Finalmente, mostramos que a afirmação da vida, pela afirmação da grande saúde, é governada por ciclos eternos do retorno. Desse modo, todos os grandes acontecimentos vividos o serão novamente, em um número interminável de vezes. Logo, a afirmação da vida, pela superação das oposições, se dá pela docilidade à cada grande evento do retorno, o vivendo em plenitude, não com amargura diante do peso mais pesado, mas com júbilo, tornando a gravidade do grande peso em leveza e afirmação. Contudo, este rompimento do peso só é possível a partir do desligamento do rebanho e o cultivo da solidão, não uma solidão apática, acéfala, e limitadora de vida e da liberdade, mas cultivadora de si mesmo, pela arte afirmadora e terapêutica da cultura. Intitulamos este como “A afirmação do ciclo do retorno como redenção.”

Durante todo este itinerário, apresentamos alguns elementos centrais da concepção nietzschiana das forças a fim de compor um cenário que possibilite responder aos desafios atinentes ao contexto da pandemia.

A fisiologia da força como superação da doença

(...) seria preciso uma outra espécie de espíritos, diferentes daqueles prováveis desse tempo: espíritos fortalecidos por guerras e vitórias, para os quais a conquista, o perigo e a dor se tornaram até mesmo necessidade (...) própria de uma grande saúde, seria preciso, em suma (...) essa grande saúde!... (...) ele virá, o homem redentor do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre toda transcendência e toda insignificância (GM/GM¹, II, 24, KSA 5.336).

¹ Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: SE/Co. Ext III – *Unzeitgemässe Betrachtungen. Drittes Stück Schopenhauer als Erzieher* / Considerações Extemporâneas III

A filosofia inteira de Nietzsche consiste numa concepção de forças. Forças estas que a todo instante buscam assenhorar-se, afirmando-se frente às demais, num jogo eterno de luta. E é dessa luta que a vida pode ser sustentada. Assim, enquanto houver força há vida, caso contrário há morte e inanição. Interessante notar qual o contexto em que Nietzsche apresenta estas concepções de força: um contexto de fraquezas, doença, degenerescência fisiológica, o que implica em decadência cultural. Ashley Woodward enfatiza que: “A decadência é o nome que Nietzsche dá à *degeneração cultural*; ela é um estado de doença e fraqueza que atinge a sociedade” (WOODWARD, 2016, p. 33). Para tanto, urge um médico capaz de curar todo esse quadro clínico a que acabou se reduzindo a cultura. “Eu ainda espero sempre, que um médico filósofo (*philosophischer Arzt*) no sentido excepcional do termo – aquele que tem de ocupar-se do problema da saúde global do povo, do tempo, da raça, da humanidade.” (FW/GC, III, Prólogo, 2, KSA 3.349). Ainda nesta mesma linha de reflexão, mediante uma carta a Carl von Gersdorff de 2 de Março de 1873, o filósofo anuncia o projeto de um ensaio futuro: “Meu escrito cresce e se forma de uma peça lateral, de um nascimento. O título talvez será ‘O filósofo como médico da cultura’ (*der Philosoph als Arzt der Kultur*)” (Carta a Carl von Gersdorff de 2 de março de 1873, 298, KGB 4.132). O próprio exercício do filosofar é apresentado pelo filósofo como uma forma concreta de manifestação de força contra a fraqueza, o que remonta já a pensamentos filosóficos da antiguidade como o de Sócrates, para quem, segundo ele, cabe a cada um ser:

(...) mestre de sabedoria, posto com seu procedimento fizesse esperar aos que o frequentaram ou dele se aproximarem imitando-o. Não descurava do corpo nem aprovava os que o fazem. Rejeitava o comer com excesso para ao depois fatigar-se outro tanto, recomendando um repasto regulado pelo apetite e seguido de exercício moderado. Este regime — dizia — conserva a saúde do espírito. Ao demais, não era afetado nem refinado, fosse no vestir, fosse no calçar, fosse em toda a sua maneira de viver (SÓCRATES, 1987, p. 63).

Schopenhauer como Educador (1874), *MA – Morgenröte* (Aurora), *FMGC – Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia ciência), *GMGM – Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral), *EHEH – Ecce Homo* (Ecce Homo), *GDICI – Götzen-Dämmerung* (Crepúsculo dos ídolos), *NdFP – Nachlass* (Fragmentos Póstumos), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página.

Todo o cuidado que se deve prestar para com a saúde física se revela como um exercício próprio daqueles que se demonstram sábios. Diante desse quadro de pandemia degenerescente, em que a força se anula, o filósofo alemão é impulsionado a apresentar um movimento de elevação destas forças, condição necessária para a afirmação da vida. Neste sentido, em se tratando da realidade da potenciação das forças, a dimensão fisiológica é o elemento central da filosofia de Nietzsche.

Numa concepção filosófica marcada pelo jogo das forças, como a de Nietzsche, o grande obstáculo a ser enfrentado reside na insistência de se instaurar pressupostos próprios de modelos filosóficos metafísicos. Contudo, é curioso o fato de como se pode refletir filosoficamente afastando-se de todo e qualquer pressuposto. No caso de Nietzsche, talvez o único pressuposto possível é a realidade de que o movimento, caracterizado pelo jogo entre oposição e resistência, permeia a vida em sua totalidade. Por isso, a cada instante, novos desafios se desenham, fazendo com que um *quantum* de resistência se desprenda, num processo sucessivo e infundável. A configuração das forças que se depreendem desta sucessiva luta se dá em forma hierárquica, em subjugados e subjugadores. Contudo, os que hoje são subjugados amanhã poderão não o ser e vice-versa. A ordem é buscar continuamente o assenhoreamento, pelo atingir de pontos sempre mais culminantes de potência. Enquanto houver obstáculos a serem superados, haverá a necessidade de se opor resistência, portanto, há força, num processo infundável. Caso contrário, sem obstáculos, não há resistência, e, conseqüentemente, não há força. Em última análise, é a força o que move a vida, o que a sustenta. Vida é força. Por essa razão, a vida é mantida com as forças que lhe correspondem, na medida em que for imune à doença e gozar de saúde. Contudo, e quando se está doente? Seguindo, as sendas nietzschianas, não se deve fugir e sim persistir, com firmeza, no estado em que se está. Mas isso não seria afirmar a doença, e, com ela, a degenerescência?

Por mais paradoxal que possa parecer, para que a saúde seja uma realidade viável é preciso que toda a sorte de dificuldades, como caminhos íngremes, gelo, ar cortante e invernal sejam experimentados em sua mais pura integralidade. Desta experiência, um conjunto de anticorpos são ativados para a manutenção da vida em sua forma saudável. Pelo contrário, quando tudo se respira paz, harmonia e tranquilidade não se tem como ativar estes anticorpos, pois nenhuma oposição é experimentada. O resultado disto não é outro senão comodismo, desistência de lutar, conformismo, passividade e cansaço da vida. Ora, quando se cansa da vida, nenhuma perspectiva mais é possível, as forças se estagnam, e todo e qualquer desejo ou vontade são inibidos. Nietzsche

viveu grandes acontecimentos (*grosse Ereignisse*)² de estagnação das forças pelo excesso de confiança na razão moderna, o substitutivo da fé cristã, ou seja, a versão atea da religião. Quando a causalidade racional se arroga o direito a explicar todos os fenômenos, tudo se mecaniza e, conseqüentemente, as forças anímicas são suprimidas. Portanto, esse grande evento de decadência das forças, entendidas enquanto disposição afirmativa a acolher a vida, traz, como consequência necessária, um descrédito em si mesmo e suas disposições orgânicas e fisiológicas, para colocá-las em um governo da razão tecnocientífica, a fé na ciência. Esse fenômeno o filósofo alemão constatou em todo o seu território nacional, o que incitou toda a sua luta contra a modernidade, como responsável por todo este movimento decadencial. Diante dessa situação, Nietzsche empreende em sua filosofia uma nova tarefa, um novo caminho capaz de responder ao seu grande problema, no dizer de Patrick Wotling, o problema da decadência, do qual se depreende uma série de outros problemas:

Qual é pois esta nova problemática organizacional que deve permear e compreender a originalidade da posição nietzschiana: o problema da decadência? o problema da moral? o problema da vida e de sua intensificação? o problema do devir da humanidade? o problema dos valores? da hierarquia? (WOTLING, 2008, p. 16).

Toda essa problemática decadencial demanda uma nova orientação para a filosofia, problema este que Nietzsche toma em sério. Uma decadência física que se faz sentir numa decadência cultural.

A minha tarefa, preparar um momento da mais elevada auto-reflexão (*Selbstbesinnung*) da humanidade, um grande meio-dia, em que ela olha para trás e para longe, abandona a dominação do acaso e dos sacerdotes e pela primeira vez coloca a questão do ‘porquê?’ e do ‘para quê?’ como um todo –, esta tarefa segue-se com necessidade da compreensão (*Einsicht*) de que a humanidade, por si mesma, não se encontra no caminho certo, que não é de forma alguma regida pela divindade, que, pelo contrário, precisamente entre os seus mais sagrados conceitos de valor presidiu de forma sedutora o instinto da negação, da

² Os grandes acontecimentos são aqueles que extrapolam a nossa capacidade de compreendê-los, por isso, na maioria das vezes, passam imperceptíveis a nossa compreensão. Estes acontecimentos não se anunciam, pois levam tempo para serem percebidos. Os maiores acontecimentos estão ligados às maiores ideias. "Die grössten Ereignisse und Gedanken – aber die grössten Gedanken sind die grössten Ereignisse" (*FWMG*, 285, KSA 5. 232).

corrupção, da *décadence*. A questão da origem dos valores. (EH/EH, Aurora, 2, KSA 6.330).

As consequências da decadência que ora se vive, pela pandemia, perpassam a fisiologia, com marcas na cultura. Ou seja, a doença gerada pela pandemia cria incerteza, desânimo, sentimento de incapacidade, sintomas típicos da estagnação das forças. Mesmo que seja difícil diagnosticar exatamente a doença, em última análise, esta se liga à dimensão da degenerescência, ou seja, da estagnação das forças. Quando, pelo contrário, contando com as forças, se poderia atuar como estimulante, promotor da vida, daquele jogo marcado pela oposição e resistência. Para tanto, o diferencial está na forma, na disposição com que se coloca diante do fato: se for de maneira resignada a força se esvai e a doença impera, se for de forma afirmativa, *amor fati*, a força se estabelece e a saúde se eleva. Neste sentido, cabe ao filósofo a missão de atuar como médico da moderna humanidade (*Arzt der modernen Menschheit*), aquele que atua em situações em que imperam grandes epidemias (*grossen Seuchen*):

Nunca se precisou tanto de educadores morais e nunca foi tão improvável encontrá-los; nas alturas em que os médicos são mais necessários, em alturas de grandes epidemias, estes estão também mais ameaçados. Pois onde estão os médicos da humanidade moderna, que se aguentem de forma tão firme e saudável nos seus pés que ainda possam suportar um outro e guiá-lo pela mão? (SE/Co. EXT. III, 2, KSA 1. 345-6).

A doença fisiológica caminha par e passo em sintonia com a doença cultural, por essa razão, mais uma vez há a necessidade de uma terapia³ cultural como condição necessária para uma terapia fisiológica. Desse modo, na medida em que as grandes epidemias do cansaço, do desânimo, da fraqueza forem curadas, tanto mais a humanidade poderá seguir adiante, a passos firmes e decididos em pleno gozo de suas forças, disposta a acolher com ímpeto e desejo grandes comoções e desventuras. Mas como se pode promover a vida, se a liberdade que lhe é inerente for limitada por sentimentos de pânico que têm tomado conta de populações inteiras? Giorgio Agamben, ao refletir sobre a forma como a pandemia vai assumindo contornos biopolíticos, observa que

³ A palavra "terapia" da qual deriva "terapeutas" (*Therapeuten*) aparece, da mesma forma, uma única vez, e nunca na obra publicada (NG/FP, 4[164], KSA 9.142). Nietzsche utiliza, palavras com um sentido semelhante ou até equivalente ao de "terapia", como "tratamento" (*Heil, Heilung*) ou "cura" (*Cur, Kur*), designando um processo não apenas de ordem individual, mas também, social ou cultural.

em: “(...) um perverso círculo vicioso, a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança que foi introduzido pelos próprios governos que agora intervêm para satisfazê-lo” (AGAMBEN, 2020, p. 14). Assim, em troca de sobrevivência, a humanidade aceita subjugar-se diante do poder biopolítico sacrificando a sua vida. Sobre esta estratégia biopolítica, Castor Bartolomé Ruiz mostra que a pandemia revela um modelo de gestão de vida pautado por uma forma econômica neoliberal⁴. Numa situação destas, mesmo que protegida da pandemia, pode a população gozar de saúde? A posição de Agamben é relevante na medida em que ajuda a iluminar alguns elementos que perpassam a dimensão da biopolítica, contudo, nem todas as formas de enfrentamento da pandemia assumem um caráter econômico neoliberal, há outros elementos envolvidos nesta problemática, como é o caso da própria dinâmica das forças orgânicas e da disposição psicológica, enquanto acolhida do fato da vida.

Logo, a saúde pode ser grande e efetiva, na medida em que o fato é acolhido e afirmado, não qualquer fato, mas o fato mais duro e desafiador, portanto sem medo ou sob qualquer forma de subjugação. Em que medida a vivência da fraqueza fisiológica, da dor e da enfermidade, como elementos que se compõe o fato, são capazes de estimular as forças para se gozar de uma grande saúde?

Da queda à elevação, a genealogia da grande saúde

“O estômago tornou-se indomável, (...) dores de cabeça dias a fio do pior tipo, vômitos extensos sem ter comido qualquer coisa, ou seja, a máquina parecia dilacerar-se, e não nego que, algumas vezes desejei que isso acontecesse” (Carta a Carl von Gersdorff, 26/07/1875, 457, KGB 5.64). Um dos grandes obstáculos que Nietzsche teve que enfrentar, a maior parte de sua vida, foi com sua saúde. Desde muito jovem, talvez quando a partir de uma queda de cavalo, sofrida durante seu período de serviço militar⁵; passou a

⁴ “A pandemia mostrou a crua nudez das falácias do discurso do *homo economicus*, que foram ensinadas e impostas como verdades naturais do modelo neoliberal de vida. Este evento pandêmico caiu como um raio sobre alguns princípios da estratégia biopolítica na gestão econômica da vida no planeta” (RUIZ, 2020).

⁵ “No início de março de 1868, ele não conseguiu executar corretamente um salto com seu cavalo. Seu peito se chocou violentamente contra a parte dianteira da sela e Nietzsche sentiu uma dor aguda. Mesmo assim, continuou montado em seu cavalo, duro como era consigo mesmo, e ignorou a dor, apesar de cada vez mais intensa. À noite, porém, desmaiou duas vezes durante a hora de instrução e teve que se deitar. Por dez dias, permaneci preso, no pior sentido da palavra, ou seja, imobilizado, como que amarrado à cama, sob terríveis dores, febre contínua, inquieto dia e noite, com compressas

continuamente sofrer de inúmeras penas. O biógrafo Kurt Paul Janz atesta que a partir deste acidente:

É a primeira que Nietzsche menciona uma doença estomacal, que mais tarde ainda lhe causaria tantos problemas. No entanto, não sabemos qual foi o ‘incômodo’ persistente que o prendeu à cama já em fevereiro, do qual ele fala em uma carta a Ritschl. O catarro estomacal parece ter passado sem maiores consequências, mas é a primeira prova de certa vulnerabilidade do estômago já antes do seu adoecimento na Guerra de 1870 (JANZ, 2015, p. 192-3).

A enfermidade sofrida pelo filósofo alemão se manifestou através de fortes dores no estômago, de dores de cabeça e enxaquecas, dificuldades na visão, náuseas e indisposições; tudo isso, por dias e até semanas. Testemunho disso, são suas inúmeras correspondências relatando seu estado de saúde, como esta, mediante a qual iniciamos este capítulo.

Nietzsche sente que sua saúde física vai diminuindo pouco a pouco. Diante disso, vai seguindo adiante, contudo, tendo que se adaptar a ambientes que lhe sejam favoráveis, como testemunha a sua contínua mudança de endereço, procurando um ambiente e um clima próprio a sua frágil saúde, bem como a sua aposentadoria compulsória do cargo de professor na Universidade de Basileia. Não raro, tal como testemunha seu longo Epistolário, o filósofo teve que interromper seus textos para poder se aliviar de suas terríveis dores, as mais variadas possíveis.

Curiosamente, à medida em que a saúde diminui e a enfermidade aumenta, tal como testemunhada pelo fragmento de sua carta à mãe, datado de 1887⁶, ano do início da redação de sua obra prima: *Para a genealogia da moral*, tanto mais o filósofo vai avançando em profundidade em sua reflexão⁷. Assim, se por um lado, Nietzsche tem sua saúde fisiológica cada vez mais abalada, por outro, cada vez mais cresce em saúde produtiva, “(...) a resposta de Nietzsche ao sofrimento enfatiza a afirmação da vida e os estados extremos de amor e riso” (WOODWARD, 2016, p. 93). Ou seja, a doença parece ativar a sua capacidade produtiva.

de gelo’, ele escreveu em 3 de abril de 1868 a Rohde. ‘Juntou-se a isso como mau companheiro um catarro estomacal persistente.’ (JANZ, 2015, p. 192).

⁶ “A saúde, como parece menor, diminui mais” (Carta à Francisca Nietzsche, 25/06/1887, 867, KGB 8.99).

⁷ Ernst Behler constata que a enfermidade de Nietzsche, ao longo período de sua vida é marcado pelo “(...) sofrimento físico dele, um sofrimento que revela uma íntima conexão entre a vida da mente e a vida do corpo (...) o valor do sofrimento para a obtenção do conhecimento” (BEHLER, 2017, p. 341).

Toda a arte, toda a filosofia podem ser vistas como remédio e socorro, a serviço da vida que cresce e que luta: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores. Mas existem dois tipos de sofredores: os que sofrem de *abundância de vida*, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e uma compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de *empobrecimento de vida*, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura (FW/GC, 370, KSA 3.620).

As duras penas que o filósofo de Naumburg tem que enfrentar: náuseas, insônias como resultado de dores terríveis, alavancam uma saúde de pensamento, de clarividência, profundidade e perspicácia em suas análises, de capacidade de criação artística. Werner Stegmaier, comentando este aforismo, diz que “(...) Nietzsche diferenciou uma arte e uma filosofia a partir do ‘sofrimento’ pelo ‘empobrecimento da vida’, ‘pela fome’, de uma arte e uma filosofia a partir do sofrimento pela ‘exuberância de vida, pelo ‘excesso’” (STEGMAIER, 2013, p. 185). A sua grande doença lhe desencadeia uma grande saúde (*grossen Gesundheit*)⁸. Dá a impressão que quanto mais Nietzsche sofre fisiologicamente, tanto mais produz filosoficamente.

Ele agradece precisamente sua fraca saúde, porque ela o forçou a um ‘percurso por muitas saúdes’⁹, e assim o levou à condição de ‘uma nova saúde’, ‘mais forte, mais espirituosa, mais persistente, mais ousada, mais prazerosa do que todas as saúdes o foram até agora’. Ele a denomina a ‘*grande saúde*’,¹⁰ que ‘não apenas se tem, senão também que permanentemente se adquire, tem-se que adquirir, por que sempre ela é perdida, tem que se perdê-la!’ (STEGMAIER, 2013, p 212).

A cada queda que sofre, como resultado de sua enfermidade, sucede um reerguimento em termos de saúde de pensamento. Em outras palavras, o criar em Nietzsche está diretamente associado à experiência da dor e do sofrimento. Quanto mais ele sofre oposições, oriundas de sua debilidade fisiológica, tanto mais goza de resistência, oriunda de sua força de superação em termos de pensamento. E é justamente neste 1887, com o contínuo agravamento de seu quadro de saúde, que Nietzsche vai estabelecer as bases

⁸ “(...) eben dieser grossen Gesundheit!... Ist dieses gerade heute auch nur möglich?” (GM/GM, 24, KSA 5.336)

⁹ Cf. FW/GC, Prefácio, 3, KSA 3.349

¹⁰ Cf. FW/GC, Prefácio, 382, KSA 3.635

que orientam a origem e o princípio de todas as concepções morais, o grande mal e doença da cultura. Para tanto, se faz necessário, seguindo Stegmaier, pôr em questão¹¹, em evidência todas aquelas verdades inquestionáveis, ou seja, evidenciando na moral o que é “(...) hipótese e perspectiva como um fato auto-evidente puramente suposto ou, em uma palavra, ‘comprometê-la’” (STEGMAIER, 1994, p. 64)¹². Ao pôr em evidência os enganos provenientes da moral, se é capaz enxergar nela toda a sorte de mecanismos que adoecem a cultura.

Para curar a cultura é preciso curar o animal homem que é um animal doente (*krankes Thier*)¹³, e assim produzir uma cultura de grandes homens (*grosse Menschen*)¹⁴. A experiência interna, com suas inúmeras dores, alavanca a potência, a sua capacidade de enxergar a origem da moral, como ela atua na vida degenerando-a. Diante disso, Nietzsche assim se expressa a respeito do papel dos valores morais:

Impediram ou promoveram o florescimento humano até hoje? São um sinal de necessidade, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou, pelo contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, a sua coragem, a sua confiança, o seu futuro? (*GM/GM*, Prefácio, 3, KSA 5.250).

O próprio filósofo testemunha, neste seu escrito, que é condição necessária para a grande saúde o mergulho no caos, pelo enfrentamento, mediante a acolhida jubilosa da grande dor, pena e sofrimento interpondo assim, uma carga redobrada de resistência. Tal como Nietzsche vive toda essa pena de maneira individual, enseja, em seus escritos, a cada um assumir o peso mais pesado, condição necessária para a sua superação. Assim, todo o sentimento de desprezo, de dor, de pena, de angústia alavanca o desejo, a vontade do grande sim, da afirmação, como um estado pleno e culminante que

¹¹ “Anunciemo-la em voz alta, esta nova exigência: precisamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor destes valores tem de ser pela primeira vez posto em questão – e para tal é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias a partir das quais eles cresceram e nas quais se desenvolveram e transformaram (a moral como consequência, como sintoma, como máscara, como hipocrisia (*Tartüfferie*), como doença, como má compreensão; mas a moral também como causa, como remédio, como estimulante, como impedimento, como veneno), um conhecimento que até hoje não existiu, nem mesmo foi desejado” (*GM/GM*, Prefácio, 6, KSA 5.253).

¹² “Eben das aber ist das Ziel von Nietzsches Genealogie der Moral: die Selbstverständlichkeit der jetzt gelebten Moral durch ihre Hypothesisierung und Perspektivierung als eine nur vermeintliche Selbstverständlichkeit erkennen zu lassen oder, mit einem Wort, zu ‚kompromittieren“ (STEGMAIER, 1994, p. 64).

¹³ “(...) der Mensch ist Kränker (...) – er ist das kranke Thier.” (*GM/GM*, III Dissertação, 13, KSA 5.367).

¹⁴ “(...) einzelne gosse Menschen zu erzeugen” (*SE/Co*, Ext III, 6, KSA 1.384).

penetra todas as vísceras, as veias e poros insuflando o grande ar do meio-dia (*Mittag*) “(...) instante da mais curta sombra; fim do mais longo erro; ponto alto da humanidade” (*GD/CI*, Como o mundo verdadeiro se tornou uma fábula, KSA 6.81).

Nietzsche concebe a diminuição da saúde como desejo de aumento da mesma, portanto, quanto menor a força fisiológica, que padece dor, maior a força da vontade que quer e deseja a saúde, mas não qualquer saúde, e sim, a grande saúde, aquela capaz de realizar a redenção, pela superação de tudo o que interpõe obstáculos e dificuldades, no sentido de extravasar, descarregar, reorientando a direção da força. A força que descarrega é responsável pela principal enfermidade da alma, a má consciência (*schlechtes Gewissen*): “(...) esse instinto de liberdade reprimido, recuado, encarcerado no íntimo, por fim capaz de desafogar-se somente em si mesmo: isto, apenas foi em seus começos a *má consciência*. (*GM/GM*, II Dissertação, 17, KSA 5.325). Da má consciência surge o ressentimento, a incapacidade de descarga da força interna, como recorda Edmilson Paschoal, o ressentimento é a: “(...) incapacidade de lançar ativamente para fora o produto de uma vingança não realizada e pela impossibilidade de digerir o veneno produzido” (PASCHOAL, 2007, p. 102).

Esta doença da alma, a má consciência, a filha primogênita da moral cristã, é o fator principal de impotência, de incapacidade de agir, de afirmar-se diante dos obstáculos da vida, resultando em decadência. “A própria decadência é considerada por Nietzsche como uma consequência do paradigma da moral cristã; ela se manifesta no niilismo religioso, na moral do escravo, no ressentimento, na má consciência.” (WOODWARD, 2016, p. 33). Com essa experiência pessoal, Nietzsche identifica a importância que ocupa o desprazer, a dor e a provação, no contexto das forças, propulsoras de uma grande saúde. Não que esta experiência de privações deva ser elegida como algo que se busque, ao modo pregado pela tradição ascética, que apresenta uma espécie de máscara de saúde pelo envenenamento da consciência¹⁵, mas como algo, com o qual, sem que se busque, simplesmente se apresenta diante de cada um, afirma-se.

Neste apresentar-se do sofrimento, como fato, cabe o grande sim, pelo exercício de afirmação. Por isso, se afirma aquilo que se experimenta espontaneamente, como um fato natural, próprio do destino: uma experiência

¹⁵ Alan D. Schrift enfatiza a grande arma do sacerdote ascético, que funciona como uma espécie de máscara de saúde, contudo, seus efeitos atuam como tiranizantes envenenadores da consciência: “Assim como os sacerdotes ascéticos de Nietzsche, os psicanalistas criaram para si mesmos uma máscara de saúde que tem o prazer de tiranizar os saudáveis ao envenenar a consciência deles. Onde Nietzsche nota a ironia do Deus cristão que se sacrifica pela humanidade por amor” (SCHRIFT, 2017, p. 414).

que faz da dureza de sua oposição um gesto de afirmação, pela capacidade de resistência. Trata-se de resistência contra a fraqueza, que se expressa sob a forma de pânico, espalhado por lideranças governamentais em tempos de pandemia, tal como acentua Agamben, ao referir-se sobre a situação de pandemia na Itália: “(...) a onda de pânico que paralisou o país põe em evidência (...) que nossa sociedade não acredita em mais nada, a não ser na vida nua” (AGAMBEN, 2020, p. 18), a vida que não é capaz de se afirmar, apenas conservar no sentido de se temer perdê-la. Ora, é preciso ultrapassar essa maneira temerosa de luta pela vida, para que se transforme em uma experiência afirmativa. Pois, é desta mesma experiência que surgem unicamente os fortes, os vitoriosos, aqueles que foram conduzidos a busca do abismo. Foi assim que nos diferentes grandes ciclos do retorno vivido pela humanidade, diferentes espécies pereceram e outras resistiram. Pois, a grande saúde perfaz a história do vivente particular, que busca formas de terapia, e, também, integra a história de cultura de um povo, de um grupo ou de uma sociedade. As inúmeras catástrofes que o mundo já viveu: guerras, pandemias, fome, seca testemunham que houveram sobreviventes, os que jamais sucumbiram à oposição, mas interpuseram resistência: são aqueles espíritos graves, fortes, livres, que souberam acolher e afirmar o grande peso, mediante o seu gesto de leveza, de uma dança rítmica (*rhythmischen Tanz*).

Toda atividade, enquanto tal, produz prazer – falam os fisiólogos. Em que medida? Por que a força acumulada trouxe consigo uma espécie de ímpeto e de pressão, um estado face ao qual o fazer é sentido como uma liberação? Ou na medida em que toda atividade é uma superação de dificuldades e oposições/resistências? e por que muitas oposições/resistências pequenas, sempre de novo superadas, trazem consigo, de maneira leve e como uma dança rítmica, uma espécie de comichão do sentimento de poder? (Nc/FP da Primavera de 1887,7[18], KSA 12.301-2).

Aqueles espíritos livres, homens grandes, de exceção, que revelam a capacidade de superação, agem de maneira leve, tranquila e, ao mesmo tempo, atenta e perspicaz. Marcados pela ambivalência que se depreende dos movimentos orgânicos de oposição e resistência, estes espíritos fazem jus ao adjetivo livre por contraporem ao idealismo a música da vida (*Leben Musik*)¹⁶: “(...) como origem de toda a ambivalência idealista vem à luz algo

¹⁶ “‘Cera nos ouvidos’, era, naquele tempo, quase que condição para o filosofar, um verdadeiro filósofo não escutava mais a vida, na medida em que esta é música, ele *negava* a música da vida” (FMGC, 372, KSA 3.623).

verdadeiramente ambivalente até o desespero, contraditório, paradoxal, [a saber], ‘a música da vida’” (STEGMAIER, 2013, p. 182). O movimento corporal que exige a dança segue um ritmo que é dado pela música, para segui-lo é preciso assumir com coragem e com “(...) *liberdade* da vontade, em que um espírito se despede de toda a crença, todo desejo de certeza, treinado que é em se equilibrar sobre tênues cordas e em possibilidades e em dançar até mesmo à beira de abismos. Um tal espírito seria um *espírito livre* por excelência” (FW/GC, Prefácio, 347, KSA 3.583). É um espírito livre de todo o peso, passividade e cansaço da vida, aberto “(...) para dançar, para uma ciência agora alegre talvez, que segue as próprias rimas e formas e sabe que não pode, de modo algum, fazer de outro modo, e assim ouve uma música” (STEGMAIER, 2013, p. 219). Uma música capaz de aliviar e proporcionar uma arte de apoteose (*Apotheosenkunst*)¹⁷ e, principalmente, uma saúde muito rica (*überreichen Gesundheit*)¹⁸, potenciando “(...) a própria vida do homem como configuração de formas e ritmos”¹⁹ (STEGMAIER, 2013, p. 221). Ele sabe dispor-se diante de uma catástrofe, por mais impetuosa e, aparentemente, intransponível que se apresente, de maneira grave, marcada e leve como uma dança; uma dança ritmada por vários ciclos que se repetem. Em que medida é possível afirmar cada ciclo do retorno com aquilo que de mais pesado e insuportável carrega?

A afirmação do ciclo do retorno como redenção

A arte vale aqui como única contra força considerada contra a vontade de negação da vida (...) Ela é a redenção do ajustado (...) Ela é a redenção do doente – como caminho para as situações onde o sofrimento será querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande encanto... (Nc/FP do outono de 1888, XIII, 14[17], KSA 13. 225-6).

Nietzsche tem no Eterno Retorno do mesmo a sua grande doutrina, ou como ele mesmo afirma, o seu pensamento abissal. Por esta doutrina, o filósofo alemão chancela todo o seu pensamento afirmativo, de que tudo o que vivemos, o tornaremos a viver, ainda mais, desejaremos viver novamente um interminável número de vezes. Com isso, Nietzsche mostra que não se trata de revivermos somente eventos prazerosos, mas também eventos marcados pelo

¹⁷ Cf. FWGC, 370, KSA 3.622

¹⁸ Cf. FWGC, 372, KSA 3.624

¹⁹ No entanto, Nietzsche compreende no próprio fenômeno da música um instinto de fragilidade orgânica (*organische Gebrechlichkeit*), corrupção (*Corruption*), histerismo (*Hysterismus*), no que diz respeito à música de Wagner. Cf. Nc/FP da Primavera e Verão de 1888, 16[75], KSA 13.510-511.

peso do desprazer, da dor e do sofrimento. “É isto o que o eterno retorno ensina ao forte: a afirmação da vida, incluindo seu sofrimento” (WOODWARD, 2016, p. 39). Ademais, estes não constituem eventos pequenos e isolados, mas constituem, em seu todo, eventos grandes, marcantes, muitos destes, inclusive, a humanidade já viveu e assim os viverá inúmeras vezes. A dimensão de totalidade é altamente realçada no pensamento de Nietzsche, por essa razão, a decadência da qual demanda a doença e o niilismo da cultura advém, de acordo com a leitura de Wolfgang Müller-Lauter, de uma falta da força que age no sentido organizacional e orgânico, como é o caso do fenômeno da música wagneriana:

Que no estilo da *décadence* a parte se torna independente em relação ao todo, que se torna ‘soberana’, manifesta a falta de força organizadora. A censura da ‘incapacidade para formas orgânicas’ constitui assim a principal objeção de Nietzsche contra a arte de Wagner. Wagner não podia criar a partir do todo; ele não tinha escolha; precisava fazer uma obra fragmentária (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 14).

Por mais espantoso que possa parecer, Nietzsche pretende, com essa mega doutrina, mostrar qual deverá ser a disposição de espírito daqueles que se deparam com o *fatum*, os mais desafiadores. Ora, não poderá ser o medo e a insegurança, caso contrário a vida é reduzida a um estado de sobrevivência: “E o que é uma sociedade que não tem outro valor que não seja a sobrevivência? (AGAMBEN, 2020, p. 18). Pelo contrário, é preciso ultrapassar este estado de exceção que foi tomado como uma condição normal, e que “(...) a vida (...) foi reduzida a uma condição puramente biológica e perdeu qualquer dimensão não apenas social e política, mas até mesmo humana e afetiva” (AGAMBEN, 2020, p. 18). A busca de segurança não pode comprometer a liberdade, para a qual se impõe uma disposição não meramente defensiva, mas afirmativa. A medida de uma disposição afirmativa é marca do *quantum* de força e energia criativa que cada um dispõe para superar-se. A superação demanda disposição afirmativa, encerrar com ânimo proativo, constância e otimismo mega situações, eventos, rochas aparentemente intransponíveis. O filósofo de Naumburg trata a questão deste peso a ser assumido e afirmado como o peso decorrente do problema do niilismo, mediante o qual pode ser entendido de maneira ativa (*activer Nihilism*) ou passiva (*passive Nihilism*): “O niilismo como sinal do poder aumentado do espírito: como niilismo ativo (...) O niilismo como declínio e diminuição do poder do espírito: o niilismo passivo” (*Nc/FP* do Outono de 1887, 9[35] KSA 12.350-1). O niilismo é uma realidade da qual não se tem como negar, é um

fato, no entanto, dada uma postura passiva, pessimista, fraca e incapaz que se mantém diante desse fato, nada se produz, não se cria, portanto, se reduz a um estado de degenerescência, de patologia: “O niilismo apresenta um estado intermediário patológico (o patológico é a generalização tremenda, o fim em nenhum sentido)” (*Nc/FP* do Outono de 1887, 9[35], KSA 12.351)²⁰. Mas o niilismo poderá ainda, mediante uma postura otimista, forte, capaz, se traduzir numa disposição de vontade afirmativa, como vontade de poder (*Wille zur Macht*): “A vontade de poder. Ensaio de uma transvaloração de todos os valores (...) o niilismo como conclusão dos mais altos valores até agora” (*Nc/FP* do Outono de 1887, 9[164], KSA 12.432). Mediante o projeto de uma transvaloração de todos aqueles valores degenerescentes, santificados pela moral e incentivados pelo sacerdote ascético, Nietzsche vê como possível a realização de uma terapia da cultura pela superação do niilismo. Woodward apresenta uma forma de niilismo radicalizada e que tem nesse projeto de transvaloração dos valores a sua superação, “(...) ele propõe uma *superação* desse niilismo radical por meio de uma transvaloração de todos os valores.” (WOODWARD, 2016, p. 21). Pela transvaloração dos valores negadores da vida, responsáveis pela sua doença, se a afirmará.

É somente munido da carga da força que se poderá exercer a nobre missão de redimir tudo o que se apresenta como negação da vida, tudo o que representa fraqueza e desânimo, tudo o que se julga conhecido, determinado, ajustado, divinizado, tudo o que se encontra enfermo, decadente. A contra força, contra toda a força que conduz para baixo, contra todo o movimento de conformação passiva é a força que demanda do sofrimento, encarrado com disposição afirmativa, é a capacidade de opor resistência contra todo o que se impõe, ou se pretende impor como a última palavra. “Nietzsche propõe – e este é o ponto central de toda a sua filosofia – *uma forma ‘mais elevada’ de pessimismo* que aceita o sofrimento na vida, mas que, ao invés de desabar no niilismo, é também capaz de afirmá-la.” (WOODWARD, 2016, p. 25). Diante de quadros tão desafiadores, fruto de eventos aparentemente onipotentes, se depreende, em todo o instante, uma carga de força capaz de se reinventar, ou seja, a sua capacidade de criar. O antagonismo vivido pela sucessão entre eventos de bonança e decadência, saúde e doença desafiam a própria saúde

²⁰ Alexander Nehamas diferencia as duas formas de niilismo mediante a capacidade que se tem de interpor (niilismo ativo) ou não (niilismo passivo) um objetivo e um poder do espírito: “O desespero em relação à ausência de um objetivo é o que Nietzsche chama de um niilismo ‘passivo’, um ‘declínio e recuo do poder do espírito’; não obstante, a habilidade de afirmar o processo é um niilismo ‘ativo’, um ‘sinal de poder incrementado de espírito’.” (NEHAMAS, 2017, p. 277).

frágil do filósofo alemão, como Behler, utilizando-se da literatura de Thomas Mann, revela:

Mann admitia prontamente a Nietzsche que a vida, a saúde e o vigor são desejabilidades supremas, especialmente para o artista pálido e decadente. Nesse sentido, Mann tornou o antagonismo entre saúde e doença, vida e intelecto, o tema central de sua obra. Se situamos Nietzsche do lado da vida, vemos imediatamente sua importância para o trabalho criativo de Mann (BEHLER, 2017, p. 359).

Portanto, a resposta dada pelo que se supera e redime é a criação artística; da arte, a expressão máxima da essência de um povo é que, inclusive, emerge a elevação da cultura. “A consequência de qualquer mundo artístico é uma cultura.” (*Nc/FP* do Verão de 1872, 19 [33], KSA 7.426). A arte é o antídoto contra todo o conformismo passivo, contra todo o pessimismo e sentimento de estar vencido. O pensamento nietzschiano apresenta “(...) ressonâncias da tradição romântica, isto é, ele enfatiza o sentimento em face da razão, além da arte em face da ciência, como caminhos que melhor contribuem para a vida e para uma cultura sadia” (WOODWARD, 2016, p. 23). A arte ativa o desejo e a vontade de mais, de nunca estar saciado, de dar sempre um passo além, de “poder dançar” (*Tanzen-Können*)²¹. Pela arte e os respectivos juízos estéticos, se estimula a criação, pela qual, segundo Alexander Nehamas, “(...) Nietzsche encontra a única esperança para a nossa cultura decadente e em declínio” (NEHAMAS, 2017, p. 275). O filósofo alemão viveu estes desafios que se depreendem da decadência cultural com relação ao seu próprio quadro clínico; diante de suas terríveis dores de cabeça e estômago, teve que reinventar o seu dia a dia, seja pela produção intelectual e caminhadas, como pela busca infundável por ambientes que fossem favoráveis ao seu estado de saúde, tanto a nível fisiológico como a nível cultural. O ciclo do retorno para ele, neste quadro clínico, se mostrou tenebroso, o que ele assumiu com firmeza e disposição afirmativa, tendo como resultado um produto intelectual profundo e profícuo. Assim, sua resposta diante do peso aparentemente intransponível do *fatum*, foi a redenção (*Erlösung*)²², pela sua capacidade estimulada em criar, transpor, reinventar. Portanto, a sua filosofia, como pontua Marta Faustino, constitui “(...) uma forma de terapia.” (FAUSTINO, 2013, p. 1). E o alvo principal ao qual Nietzsche pretende aplicar estas iniciativas terapêuticas é a cultura, por essa razão, o filósofo alemão se mostra como o “médico da

²¹ Cf. *GD/CI*, O que falta aos alemães, KSA 6.110

²² “(...) die Erlösung dieser Wirklichkeit heimbringe” (*GM/GM*, II Dissertação, 24, KSA 5.336)

cultura.” Na esteira da filosofia como uma forma de terapia, lembramos o cuidado de si, o qual sinaliza Foucault, em que o filósofo, fazendo apologia a Sócrates, pelo seu conheça-te a ti mesmo, como aquele que não deve ser apenas o que ensina, mas que também cura, por isso o filósofo opera:

(...) uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”. O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautou* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das conseqüências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. (FOUCAULT, 2006, p. 07)

O cuidado que se deve ter consigo mesmo reflete a dimensão total do indivíduo, desde sua humanidade e afetividade até sua fisiologia. Mais uma vez, a vida nua, a luta por simplesmente sobreviver, não pode servir de razão para cuidado de si. Pois cuidar de si é cuidar da vida no sentido de não simplesmente protegê-la, mas afirmá-la. Nietzsche, atento ao todo do indivíduo, com a sua filosofia protagoniza uma reinvenção que preside o seu próprio estilo linguístico aforismático, ao invés do discurso contínuo. Este último seria impossível para alguém, como ele, que não podia se deter tanto tempo nas lides da produção intelectual, por causa, principalmente, de sua enfermidade nas vistas, eis uma forma de cuidado de si.

Neste sentido, o filosofar em tempos marcados pelo ciclo do retorno grave e pesado requer repensar rotinas, desenvolver formas renovadas de continuar assumindo afirmativamente o grande peso. A pandemia fisiológica não pode resultar em pandemia cultural. Ou seja, a degenerescência, a doença física não pode tomar conta do espírito, da vontade, do desejo, do sonho, das ações, mas, pelo contrário, pode e deve alavancar a vontade que quer e redime. Nietzsche vive grandes ciclos do retorno marcados por megaeventos pandêmicos culturais, conduzindo à degenerescência dos costumes. Diante disso, o filósofo foi capaz de detectar, em meio a essa pandemia, um grande obstáculo que persistia em impedir a superação, persistia em conter todo o movimento de redenção, persistia em impedir a vontade, em negar a vida: a moral. Essa negação da vida se dá, inclusive, pela submissão passiva em abdicar de usufruir da liberdade, base de afirmação da vida. Na compreensão de Agamben, o chamado “isolamento social” antes de ser uma forma de evadir-se da moral de rebanho, significa afundar-se nela, viver na condição de

“massa”. “O que as medidas de distanciamento social e de pânico criaram é certamente uma massa – mas uma massa, por assim dizer, invertida, formada por indivíduos que se mantêm a qualquer custo, a distância uns dos outros” (AGAMBEN, 2020, p. 24). O fenômeno de massificação se identifica pela maneira passiva de se viver o isolamento, fruto de uma imposição moral autoritária. Neste fator, a moral, o filósofo alemão detecta, desde a sua genealogia, toda a trajetória, de pandemia decadencial que a humanidade viveu. Ora, se o sacerdote ascético se pretende o médico da cultura, mediante uma terapia da humanidade; Nietzsche, por seu lado, se investe, como lembra Faustino, mediante “(...) uma terapia da própria terapia” (FAUSTINO, 2013, p. 3). É preciso curar a maneira pela qual se tem exercido a cura, ou seja, a cura, por exemplo, que pretende aliviar as enfermidades do corpo com a promessa da vida eterna. Bernd Magnus, por essa razão recorda que:

Por muito tempo, sonhando com a pós-vida, a humanidade ocidental tratou o corpo como fonte de pecado e erro. Zarathustra, em contraste, insiste que o corpo é a base de todo sentido e conhecimento, e que a saúde e a força devem ser reconhecidas e buscadas como virtudes. (MAGNUS, 2017, p. 63)

Ao invés de interpor a força, pelos anticorpos capazes de resistir à pressão que atua de cima para baixo, o sacerdote ascético estimula a ouvir a voz da consciência mediante a fraqueza, o rebaixamento, o não à vida como ideal mais supremo, como aquele que deve ser buscado, de modo a pautar toda a existência. Ao contrário da voz do sacerdote ascético, o martelo do artista age no sentido de propor liberdade capaz de ativar a força:

Neles nasceu a má consciência, isto é mais do que claro – mas *sem* eles não teria nascido, essa planta hedionda, ela não existiria se, sob o peso dos seus golpes de martelo, da sua violência de artistas, um enorme *quantum* de liberdade não tivesse sido eliminado do mundo, ou ao menos do campo da visão, e tornado como que latente. Esse instinto de liberdade tornado latente à força (GM/GM, II Dissertação, 17, KSA 5.325).

Na medida em que a arte for reabilitada, fazendo novamente parte do mundo e da vida, articulada com a filosofia, a força capaz de ativar a liberdade será disfrutada por aqueles que serão, com razão, chamados de espíritos livres, que gozam da grande saúde. “Toda arte, toda a filosofia, pode ser considerada como meio de cura e de auxílio a serviço da vida que cresce, que combate: pressupõe sempre sofrimento e sofredores” (FW/GC, 370, KSA 3.620). A arte

age como terapia para a recuperação das forças, as únicas capazes de afirmar a vida e orientar a “(...) filosofia segundo a arte de um ‘alegre saber’, cujo ideal é o da flexibilidade e ‘força’ da dança²³” (STEGMAIER, 2013, p. 225).

Diante desse quadro pandêmico fisiológico, com suas respectivas ameaças degenerescentes à cultura, cabe a cada um assumir afirmativamente a vida, não pelo sofrimento como algo que deva ser buscado como ideal ascético, bem como pelo medo de contágio e pela coerção, mas como um fato a ser acolhido jubilosamente, ativando as capacidades criadoras, pela interposição de resistência, de onde emerge a força redentora.

Conclusão

O itinerário que percorremos nos permitiu avaliar, pelas sendas nietzschianas, as consequências da pandemia, não apenas e principalmente os efeitos fisiológicos, mas também e acima de tudo, os efeitos psicológicos. Se a fraqueza e a doença fisiológica provocam incapacidade e limites em agir, então a fraqueza e a doença psicológica impedem a principal fonte propulsora das forças: a vontade. A expressão dessa falta de forças, fraqueza e doença é a incapacidade de interpor resistência frente às oposições; na compreensão de Nietzsche, uma das mais graves doenças. Diante do fato que se nos apresenta, marcado por uma onda gigantesca de pandemia, que vem provocando doença e morte de inúmeras pessoas, somos mobilizados a dar uma resposta. Mas uma resposta afirmativa e não marcada pelo medo, reduzindo assim a vida a vida nua, ou seja, como vida biológica, como sobrevivência. Portanto, consiste num fato desafiador, potente, gigantesco e monstruoso de um *quantum* de forças capaz de ultrapassar, superar e redimir o grande peso desse mesmo fato.

O filósofo alemão apresenta, em diversas passagens de seus escritos, que a humanidade vive, de tempos em tempos, tendo que superar desafios que permeiam os vários ciclos. São estes ciclos que emergem com força devastadora, atuando como oposição da qual demanda resistência. Assim, na medida em que maior forem os desafios e oposições, tanto maior a resistência e oposição que se lhe opõe, ou seja, maior o *quantum* de forças capazes de atuarem como superação da fraqueza e da doença. No entanto, a experiência da força, via superação de obstáculos do fato, implica em quedas, em mergulho no caos, ou seja, em experimentar na plenitude, o grande peso sem fugas ou subterfúgios, acolhendo e amando o fato, tal como ele é. É um amor de acolhida jubilosa ao fato, *amor fati*, pois não se coloca apenas na posição

²³ “(...) a maior flexibilidade e força é aquela, que um bom dançarino quer como seu alimento” (Cf. *FWGC*. 381, KSA 3.635).

daquele que acolhe o fato com vistas à sua superação, mas acima de tudo, como aquele que ama o fato e o deseja, o quer não apenas uma vez, mas um número interminável de vezes, que sabe que o fato retorna e a cada retorno se é incitado a, criativamente, investir numa interposição de forças que resista ao peso do fato. A resistência que demanda da força configura a afirmação da vida, para além de sobreviver; razão pela qual, é preciso interpor a superação frente àquelas medidas que se pretendem reduzir ao estado de massa, ditadas por organismos governamentais, sejam estes políticos ou religiosos que constroem pelo medo. Esta interposição de força é o criar, dado pela capacidade artística, a grande força redentora e terapêutica da cultura. A arte é semente daqueles grandes homens, capazes de dizer o grande Sim, que alavanca a vida, afirmando-a.

A cada epiciclo que se vive, portanto, um *quantum* maior de forças se depreende, movimento este capaz de sustentar e promover uma grande saúde e, conseqüentemente, afirmar a vida. Logo, a cada ciclo do retorno que se vive, novas e mais potentes interposições de resistência são apresentadas, num processo de criação sempre mais livre, suave e sublime, propulsores da grande saúde.

Referências

- AGAMBEN, G. *Reflexões sobre a peste. Ensaio em tempos de pandemia*. Trad. Isabella Marcatti. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- BEHLER, E. “Nietzsche no século XX”. In: *Nietzsche*. Bernd Magnus e Kathleen M. (Org.). Trad. André Oides. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017.
- FAUSTINO, M. S. F. *Nietzsche e a grande saúde. Para uma terapia da terapia*. 2013. 363p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche. Uma biografia. Vol I: Infância, Juventude, os anos em Basileia*. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MAGNUS, B. & HIGGINS, K. M. “Introdução ao volume Nietzsche”. In: *Nietzsche*. Bernd Magnus e Kathleen M. (Org.). Trad. André Oides. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017.

- MÜLLER-LAUTER, W. “Décadence artística enquanto decadence fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. In: *Cadernos Nietzsche* 6, 1999. São Paulo, Discurso Editorial, p. 11-30.
- NEHAMAS, A. “Nietzsche, modernidade, esteticismo”. In: *Nietzsche*. Bernd Magnus e Kathleen M. (Org.). Trad. André Oides. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*. 15 Bd. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999.
- _____. *Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel*. 8 Bd. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1986.
- _____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos*. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
- PASCHOAL, E. “Má Consciência e Ressentimento: Doença e Promessa de Futuro para o Homem na Filosofia de Nietzsche”. In: D. O. PEREZ (org.), *Filósofos e Terapeutas em torno da Questão da Cura*. São Paulo: Escuta, 2007.
- RUIZ, C. M. B. “Pandemia e as falácias do homo economicus”. In: *IHU Ideias*. Unisinos, São Leopoldo, 19 de abril de 2020. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598157-pandemia-e-as-falacias-do-homo-economicus> (acessado em 04 de junho de 2020).
- SÓCRATES. *Xenofonte. Ditos e feitos e feitos memoráveis de Sócrates*. Trad. Libero Rangel de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SCHRIFT, A. D. “O legado francês de Nietzsche”. In: *Nietzsche*. Bernd Magnus e Kathleen M. (Org.). Trad. André Oides. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017.
- STEGMAIER, W. *Nietzsche's “Genealogie der Moral”*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994.
- _____. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Jr. Petrópolis: Vozes, 2013.

WOODWARD, A. *Nietzscheanismo*. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Pensamento moderno. Petrópolis: Vozes, 2016.

WOTLING, P. “La Culture comme Problème. La Redetermination Nietzscheenne du Questionnement Philosophique”. In: *Nietzsche-Studien*, 37, 2008, pp. 1-50.

Email: afeiler@unisinós.br

Recebido: 08/2020

Aprovado: 05/2022